ANNO I — S. João d'El-Rei, 7 de Fevereiro de 1886 — N. 21

O DOMINGO

PARA A CIDADE
Anno........ 6$000
Semestre..... 3$000

Redactores — Jorge Rodrigues e José Braga

PARA FÓRA
Anno..... 6$000

Escriptorio de redacção—Praça das Mercês, n. 7

Summario

O Domingo

7 de Fevereiro de 1886.

Actualidades

NÃO ha senão uma—a chuva.

Choveu, felizmente! Hão de estar bem satisfeitos os fieis. Deus e uns tantos phenomenos physicos mandaram-nos agua. *Sursum corda!*

Feijão, milho, arroz, ó vós todos que ahi andaveis tristes e desanimados pelas roças e pelas hortas, sem ter siquer uma gota d'agua para chorar sobre a secca, — alegrai-vos e surgi, garbosos e petulantes, deste uberrimo solo mineiro!

Couves e repolhos, cebolas e alfaces, exultai, dançai, erguei-vos, que tudo agora vos sorri! Vasta geração de verduras, fructas, e legumes, eu vos saúdo!

Isto é um dever de delicadeza (sahio-me uma delicadeza *verde*, mesmo a proposito). E, demais, se tenho de me pôr aqui, por dividas de particular gratidão, a saudar pessoas inuteis, antes felicite cousas uteis e proveitosas. Pois não?

—

Alem da chuva, acho no meu *carnet* uma nota unica: um livro.

Tivemos a grata satisfação de receber os *Quadros de hontem e de hoje*, interessantes *folhetins* e apreciabilissimas *controversias* de Luiz de Andrade, o laureado autor das *Caricaturas em prosa*, prefaciadas por Guerra Junqueiro e das *Considerações sobre a batalha de Avahy*, quadro historico do dr. Pedro Americo.

Esse livro não é de agora; mas, ainda é um livro novo; appareceu em fins do anno passado.

A imprensa da côrte e das provincias recebeu-o com os applausos devidos a um dos mais illustrados redactores da *Revista Illustrada*, cuja penna, dirigida com invejavel habilidade, offerece-nos, a espaços, delicadas producções, fluentes e apreciaveis, provando a força desse talento um dos mais scintillantes que ora possuimos.

Uma grande parte dos escriptos desse bellissimo livro, tinha eu já apreciado em diversos jornaes da corte; porém, mesmo assim, ao receber o volume, lendo segunda vez aquellas paginas cheias de uma prosa facil, escripta em estylo gracioso, de um agradavel *humour* attrahente e bom,—senti o mesmo prazer, a mesma grata sensação, que já uma vez me avassallara o intimo...

Emquanto com o dia que nasce, brotam, como cogumellos, livros e folhetos de pessimos versos, rarissimos são os livros de boa prosa, que entre nós se publicam. Já não falo dos de maior folego, philosophicos, scientificos, que disso é quasi impossivel escrever-se neste paiz, onde a philoxera da superficialidade poupa a muito poucos; refiro-me mesmo a obras de litteratura amena e ligeira, por assim dizer, romances, contos, pequenos estudos litterarios... Qual! Não apparece senão cousa muito pouca e rompendo mil difficuldades.

A meia duzia de ousados, que no meio dessa indifferença fatal pelas lettras patrias, trabalham com afinco e ainda se esforçam,—não pode ser para tudo. Elles, esses rapazes desinteressados e laboriosos, já fazem muito... e um dia hão de cançar.

Ha na capital do imperio talentos reaes, moços intelligentes e adiantados, muitos com illustração e aproveitaveis conhecimentos, que, se dispondo a escrever, iam conquistar triumphos na imprensa; entretanto, não se animam a ficar umas 4 ou 5 horas na quietação do gabinete... attrahidos pela ruidosa movimentação exterior, fascinante e inutil, a que já se habituaram no *grande meio* em que vivem.

Os poucos que se consagram com amor á causa da nossa Litteratura, nenhum resultado obtêm com isso.

Soffrem dores... entre ruidosos bravos, que recebem, e, ás vezes, leem um artigo enthusiastico em jornal que os eleva ás nuvens... e não sabem naquella hora se terão o que comer ao jantar!

E assim o mais...

Ora, sabendo-se disso, é natural uma sorpresa, quando um livro bom, bem escripto e bem impresso, encontra um editor e surge, impondo-se ao dominio publico.

Admirei-me ao ler a noticia dos *Quadros de hontem e de hoje*... e hoje, confesso, que maior foi a minha admiração... ao lêl-o.

A manifestação de um espirito observador, esclarecido e criterioso, ahi se vê, em cada pagina do formoso livro.

A critica competente já o julgou. Eu venho, unicamente, saudar a Luiz de Andrade, agradecer-lhe o mimo, e pedir-lhe muito que não demore a publicação das *Physionomias litterarias de Portugal e do Brazil* e dos *Contos verdes e amarellos*, que nos prometteu...

JORGE RODRIGUES.

Collaboração

DOMICIO da Gama, um moço de talento possante e que por excessiva modestia não occupa logar mais saliente na republica das

nossas lettras, promette-nos de ora avante o auxilio de sua collaboração valiosa.

Deve ser recebida esta grata nova com todo o prazer pelos nossos leitores, porque a penna do novel e distincto escriptor, que agora lhes apresentamos, hade proporcionar-lhes instantes de boa e agradavel leitura.

Hoje publicamos um bellissimo conto, escripto por elle especialmente para *O Domingo* e onde encontrará o leitor a prova cabal do que vimos de affirmar.

Canções da Aurora

DEVEMOS á obsequiosidade de um amigo a leitura do pequeno volume de versos que com este titulo acaba de publicar nosso comprovinciano o sr. Francisco Lins.

Mais feliz do que a maioria dos estreantes que difficilmente conseguem um padrinho que os apresente aos leitores, pedindo para elles a indulgencia da chapa, o novel poeta teve a felicidade de ver o seu livro de versos prefaciado por dous nomes, um dos quaes, o primeiro, si não é o que se diz o de uma authoridade na materia, é comtudo o de um moço de talento, mas... excessivamente benevolo.

O segundo, o *benemerito* auctor das *Timidas* é menos favoravel ao sr. Lins, o que nos faz acreditar que s. s. leu as *Canções da Aurora* animado dos sentimentos que se inspiram os officiaes do mesmo officio.

O dr. Randolpho Fabrino, referindo-se ao livro, de que tractamos, diz «... uma aurora que rompe com *muita harmonia* e com *admiravel* distribuição de tintas» e o sr. Eloy de Araújo, depois de insistir nos defeitos encontrados, procura attenuar seu formidoloso juizo critico com o seguinte periodo, mais de mestre bondoso que de collega amigo :

« Não te desanimes que possues bastante talento para cultivar as lettras com frequentes successos agradaveis. »

Dos dous prefacios passâmos ás poesias que são em numero de 27 e quasi todas escriptas em Dezembro de 1885, como o fez declarar o auctor abaixo de cada uma d'ellas, o que nos leva a dizer que para o sr. Lins não ha mez que lhe seja tão fertil em inspirações como o ultimo do anno.

Inspirações, porém, d'essa ordem... fôra melhor que Dezembro não lh'as desse nem elle Lol-as communicasse.

Sem grammatica, desobedecendo ás prescripções do Bom Senso, atirou-se o sr. Lins por um plano inclinado, saltando de disparate em disparate, de um modo verdadeiramente deploravel.

E vem nos dizer o dr. Fabrino, um moço de talento, que conviveu com poetas de merito, que *incontestavelmente o sr. Lins vai ter um bello dia no Parnaso!*

Ora, pelo amor de Deus, doutor! Pois aquelles versos sem nexo, escriptos sem uma idéa capital, podem dar direito a alguem de se assentar ao lado dos eleitos das musas?

Que Eloy de Araújo dissesse isto, admitte-se, porque a amizade cega e por um amigo sacrifica-se muitas vezes a verdade. Mas o dr. Fabrino! Parece incrivel!

Desde a primeira até a ultima das poesias das *Canções da Aurora* nada se encontra que justifique a exclamação do talentoso auctor do *Prologo*.

As poesias *Quadro*, *Dormindo*, *Fragmento*, *Dialogo*, *Scena no lar* e outras são a *ultima palavra* sobre o disparate... em verso.

Da *Scena no lar* transcrevemos as duas quadras seguintes, em que verá o leitor a quanto a imaginação e a vontade de rimar podem obrigar um poeta :

A alcova grande e espaçosa;
D'um lado um berço se via,
Onde *mui calma* dormia
Uma criança formosa.

D'um outro a mãe extremosa
Seguia serenamente
Os *movimentos*, contente,
Do filhinho — *deleitosa*.

Oh! *seu* Lins! esse seu somno calmo usurpa as funcções do pesadêlo.

E aquelle *deleitosa*! E' de um effeito impagavel!

Do *Dialogo* hesitâmos na escolha de um verso, mas, afinal, extrahimos os dous seguintes que são um primor de metrificação :

« Que bom, meu pai; mas não se esqueça, não » e « Mas tu não fugirás da escola, não é assim ? »

O merito, o unico, d'estes versos é serem elles, com certeza, uma lembrança da infancia do poeta que faltava á escola constantemente e mais tarde á aula de Portuguez.

Do pallido soneto — *Paulo e Virginia*, destacamos este verso : «Mas não! — que a negra morte era *eminente*» cuja palavra final prova que o sr. Lins emprega termos cuja significação desconhece.

E, como estes, muitos outros, pois é rara a poesia das Canções da Aurora a que falte um attentado contra a grammatica ou contra o Bom Senso.

Muito estimaremos que o dr. Randolpho Fabrino venha nos convencer do contrario, porém, emquanto não o fizer, diremos, parodiando a phrase de s. s., que o livro do sr. Lins é uma *aurora que rompe com muito disparate e admiravel porção de erros de grammatica.*

As calças do Manoel Dias

DUAS horas da tarde e um céo de anil; sol de matar passarinhos; no espelho d'aço da lagôa mal corria a espaços a stria irre-

[illegible] da uma lufada perdida de nordeste; do cordão alvacento de areaes subia a intensa irradiação do calor, interpondo um veu tremulo entre os olhos e os objectos; jazia a terra oppressa sob o beijo ardente do sol e na praia o mesmo oceano rugidor resonnava alto.

Pesava um irresistivel torpor sobre todas as cousas. Na estrada deserta nenhum cavalleiro levantava a poeira das viagens. Quem viajaria por esse sol mortifero?

Por isso o Manoel Dias arrancara-se do balcão sem freguezes a essa hora e, recostado a um catre antigo, cochilava descuidado na varanda do oitão da sua venda.

Descuidado, mas não descuidoso. O bom do Manoel Dias, o pachorrento vendeiro que, para obviar aos inconvenientes de uma escripturação, não vendia fiado, vivia amofinado por preoccupações gravissimas. Agora mesmo scismava elle que só por caiporismo seu, sina de um máo nascimento, é que não se resolvera a jurar contra o alferes Zé Mendes, na questão dos frades. Em má hora se lembraram d'elle para testemunha n'essa demanda de umas terras, cujo rumo seu pai vira correr e lhe dissera. Questão liquidada para elle — a terra era do Zé Mendes.

Entretanto, quando entrou na Villa no dia da audiencia, ia decidido a suffocar a consciencia com o peso das considerações interesseiras da sua venda bem afreguezada em terras dos frades, de seu gado numeroso na marinha dando-lhe boa renda sem trabalho, da boa amizade com os seus senhorios, amizade lucrativa! e trocou mesmo um sorriso de intelligencia com o procurador do Mosteiro, ao transpor a porta da Casa da Camara.

Lá dentro, porém, o recolhimento de todos aquelles homens reunidos, a solemnidade do tribunal, a emoção do juramento sobre a imagem do Senhor crucificado, fizeram-lhe andar a cabeça á roda. Do coração ao miolo subiu-lhe o velho sangue e a lealdade lusa e da sua bocca só sahiram palavras de verdade.

Disse tudo: a verdadeira direcção do rumo, quando foi da medição da data que o finado Zé Victor, vendeu a seu Alferes, a troca das arvores que tinham servido de ponto de mira, quando mais tarde o mesmo Zé Victor, já com pouca terra p'ra lavoura, entrou com o partido de canna pelas terras que já não eram suas, engano que o Alferes não corrigiu pois que não precisava da terra e os marcos de pedra lá estavam no lugar, etc. E levado por um impulso de sinceridade, que não podia reprimir, já começava a fallar da mudança nocturna de um d'esses marcos, que embaraçava o novo alinhamento dos frades, mudança a que assistia pessoa affecta ao Mosteiro, quando o Juiz, meio embaraçado, interrompeu o seu depoimento e passou a outra testemunha.

Cahiu então em si. Viu que não era esse depoimento o que a Justiça esperava d'elle, viu que a sua lealdade era importuna e mal vista de todos, viu que era difficil saber lidar com a gente grande.

No outro dia já era sabido de todos e glosado malevolamente o testemunho do ingrato Manoel Dias, comprado pelo dinheiro do Alferes. O honrado homem engulia as lagrimas de raiva que lhe causava a maldade do mundo e procurava explicar o seu procedimento. Os que o ouviam ficavam convencidos, mas lá fóra engrossava a onda da calumnia, ameaçando affogar a reputação da sua honestidade, a sua segunda religião!

Depois começaram os mulatos da fazenda de S. Bento a vir atrevidamente fazer rixas na sua venda e travar desordens, em que elle como inspector do quarteirão era obrigado a intervir. Era desattendido, lavavam-lhe a cara com desaforos, e elle, um homem livre, uma autoridade, não podia prendel-os, porque os poderosos frades valiam mais que a Justiça!

Por fim recebeu ordem do procurador do Mosteiro para tirar seu gado todo da marinha dentro de oito dias e que puzesse preço á sua casa e mais bemfeitorias, porque o mosteiro precisava do seu arrendamento no fim do anno.

Manoel Dias poz as mãos na cabeça: apezar de esperado, o golpe era forte de mais. Montou a cavallo e partio para S. Bento, decidido a fazer tudo para que o d. Abbade que tinha fama de bom coração, consentisse-o mais um anno na Guarapina. Arranjaria então a sua vida, sem os transtornos de uma mudança que assim forçada era o mesmo que a ruina.

Uma razão sentimental, além d'isso, levava-o anciosamente á fazenda senhorial dos frades lavradores: queria persuadir ao d. Abbade, de cuja consideração fazia tanto caso, de que não fôra o dinheiro do Alferes que fizera o seu depoimento e sim a incoercivel consciencia. E ao trote duro da Briosa lá foi marinha abaixo o pobre Manoel Dias, baseando o seu discurso n'uns pontos da doutrina christã, de virtude, de fé em Deus e na Verdade, que ha de reinar para sempre... um discurso ardente e convencido como jamais o houve!

E tudo em pura perda! A fazenda estava cheia de visitas: todos figurões, homens de muito dinheiro e muita empafia, que nem olharam para elle e que tomavam toda a attenção do dono da casa. Manoel Dias voltou desconsoladamente, sem ter falado com o d. Abbade.

Sabia porém, que elle iria passar as festas do Natal e Anno Bom com os seus confrades da fazenda de Campos Novos; era boa a occasião para fallar-lhe, quando elle passasse.

E não dormia de noite, com medo que o reverendo passasse sem

elle o ver, aproveitando a fresca da noite para a viagem, que os dias não convidavam,

Mas ia o tempo correndo, já se estava a 20 e os dias cada vez mais torridos não deixavam mais que uma tenue esperança ao tresnoitado vendeiro de concertar a sua vida. Agora mesmo olhava elle para os cumulus alvinitentes,que, se erguendo por traz da serra, promettiam talvez alguma valente trovoada do Norte, que traria o tão esperado refrigerio á intoleravel canicula. E olhando, e offegando de calor, adormeceu.

Mal teria dormido meia hora, despertou o Manoel Dias a um tropel de cavallos e rinchar de arreios, de mistura com o rumor surdo de um carro que rodava pela areia fofa da estrada. Com o coração aos pulos,correu a vêr: era o D. Abbade!

«O senhor D. Abbade?—gritou debruçando-se no peitoril da varanda, — uma palavra, por favor!»

O frade deitou a cabeça fóra do carro e, vendo o que lhe acenava, fez-lhe uma mezura cortez. O cocheiro refreiou as mulas. Manoel Dias ia sahir a receber o seu alto senhorio, quando reparou que estava sem calças.

As malditas calças, com que sempre embirrára, que tanto o incommodaram e que lhe faltaram n'uma occasião d'aquellas! Embarafustou pela casa a dentro: «O' negra, quédellas minhas calças?

Vê onde estão as minhas calças! Procura, demonio, que eu não sei onde ellas estão!» E voltando para fóra, dirigia-se ao frade que vendo-o sumir-se não descera do carro:«Por favor,senhor d. Abbade, não faça ceremonia nesta sua casa! Não repare, olhe...» E com medo de ser visto em ceroulas, fugia para dentro, gritando: «Mas onde estão essas calças que não apparecem? Vê se não estão lá no quarto, negra! Ora esta sò a mim aconte-ce!» E voltava á varanda para tornar a vir procurar as calças.

O Dom Abbade achou suspeitos aquelles modos, voltou-se para um companheiro de jornada e perguntou-lhe: «Aquelle não é o Manoel Dias?»

— E' elle mesmo — «Coitado do homem, parece que perdeu o juizo!» reflectiu o santo homem a uma das desapparições do Dias, e concluiu: «Toca, rapaz! estamos perdendo tempo»

E o carro abalou. Manoel Dias, que encontrara afinal as encantadas calças e já enfiara uma perna, correu ao estrepito, soltando um clamor de desolação: «Oh! senhor D. Abbade!...» Mas já ia longe o carro e com elle iam as esperanças do pobre homem. N'um impeto de colera deu elle um puchão ás calças para rasgal-as, mas a ganga azul bem cozida pelas costureiras d'aquelle tempo não se rompia facilmente.

Então o Manoel Dias, olhando alternadamente para a estrada onde ha pouco estava a esperança da sua velhice e para as calças meio vestidas que lh'a faziam perder, enchia-se de tanta raiva impotente e de tanta desesperação, mostrava uma expressão tão ridiculamente dolorosa que, vendo-o, exultaria o coração sombrio do maldoso Schopenhauer, o Anti-Deus allemão!

DOMICIO DA GAMA.

Rio, 17 de Janeiro 1886.

Primeiros espinhos

O MEU sympathico confrade Alfredo Pujol, no *Vassourense* de 31 do mez passado, volta a contestar as linhas que escrevi sobre a rigorosa critica que fez s. s. ao conto *Primeiros espinhos*, publicado no n. 11 desta folha.

O attencioso folhetinista chama-me «distincto escriptor» para dizer logo adeante que a minha refutação, além de incompleta, não lhe parece rasoavel.

Pois pareceu-lhe mal. Estará incompleta, porque algumas insignificancias, que s. s. tomou em consideração na sua critica, eu não respiguei por julgar que era trabalho inutil; porém, rasoavel está ella, e a prova é que o meu digno collega encheu oito columnas do *rez-de chaussée* do *Vassourense* e não destruio o que eu lhe affirmei da outra vez.

No seu primeiro folhetim disse o sr. Pujol:—«O assumpto do conto é mediocre:—trata-se de um pequeno de seis annos que, pela vez primeira, vai á escola.» Achou, conseguintemente, sem valor nenhum, talvez mesmo banal, a idéa principal do conto.—Respondi que os *conteurs* modernos aproveitam, de proposito, assumptos muito communs, apparentemente insignificantes, discorrem sobre elles, conseguindo com as bellezas do estylo e as attracções magicas da forma, prender a attenção dos seus leitores. Vem agora o talentoso sr. Pujol e diz que concorda plenamente commigo, o que muito me desvanece, e accrescenta que—se classificou o conto de *mediocre* foi para mostrar que, alem dos defeitos de linguagem nelle contidos, nem ao menos tinha originalidade e elevação de idéas! Mas não é isso que se deprehende do que disse s. s. anteriormente:—o assumpto do conto é mediocre: trata-se de um pequeno de seis annos que, pela primeira vez, vai á escola... O que desagradou ao critico foi a simplicidade do assumpto, aliás interessante e bem aproveitado por Tancredo de Mello.

— A lei do Bom-Senso, como a da Physiologia, desampara completamente a *vaga asserção* do meu illustre contendor, a respeito das creancinhas debeis de olhos irrequietos: Um menino fraco, magrinho, delicado, pode muito bem numa hora de alegria, num momento de expansibilidade infantil, correr pelo jardim, atraz das borboletas;—como um *doido* é apenas um modo de dizer...

As creancinhas delicadas e franzinas que conheço, diz o sr. *Alfredo*, por mais intelligentes que sejam não o traduzem pelo *olhar luminoso de vivacidade irrequieta*. E' por que s. s. não reparou ainda bem. Hade sempre encontrar uma ou outra que... o não deixe ser tão teimosinho assim.

Sobre o ter eu apontado como exemplo entre os adultos o sr. dr. Valentim Magalhães, diz o amavel critico do *Vassourense*, que a grande intelligencia desse illustre escriptor «por isso mesmo que elle é fraco e delicado não se manifesta por *uns olhos irrequietos*.»

Está s. s. muito enganado. Os olhos do director d'*A Semana* não são irrequietos por que elle é myope, como eu, e atravez de uns vidros grão 9 ou 8 não podem apparecer olhos irrequietos e luminosos... *Ecco!*

Manda-me o sr. Pujol acreditar que o dr. Valentim Magalhães, emquanto os camaradas jogavam a *barra* o *sante mostra* ou a *cabra céga*, deixava-se ficar quietinho no salão de estudo, a tirar *significados*, ou a escrever versinhos innocentes...

Custa-me muito a acreditar nisto. Tenho para mim que aquelle que mais tarde escreveria os — *Cantos e Lutas* — havia de ser n'outros tempos um menino bastante travesso...

— O illustrado critico *admitte* (louvado seja Deus!) que aquillo de *profundezas de idéas e de impressões*, seja relativo e, sendo assim, conclue, muita cousa censuravel naquelle conto pode passar sem reparo.»

Os trechos que o estimavel e novel escriptor transcreve para provar que o estylo de Tancredo de Mello é superabundante e fastidioso, conseguem demostrar... justamente o contrario.

O amavel Alfredo estava a ver tudo de luneta amarella, quando leu o n. 11 d'*O Domingo*.

— Sobre a questão grammatical, de poder o verbo vir no singular, concordando com os diversos membros de um sujeito composto, desde que nenhum desses membros esteja no plural, o intelligente folhetinista escreve unicamente — que a opinião de Grivet não o convence.

O amavel sr. Pujol tem uma certa *manière* de discutir, que denota claramente a profunda convicção que já tem de sua superioridade, e eu não poderei, — obscuro rabiscador sertanejo — leval-o de vencida.

Admitto isto, diz sempre s. s.; *admitto* aquillo; *acceito* aquill'outro; *entendo* assim, etc. Não admira, pois, que o não convença Grivet. Quanto a mim, esse grammatico é o melhor que temos para a lingua vernacula; minha opinião incompetente está, felizmente, de accordo com a de professores provectos e abalisados; por isso citei unicamente o autor da *Grammatica analytica*, corroborando, todavia, a citação com os exemplos de Manoel Bernardes e padre Vieira, que, pelos modos, não convenceram tambem ao joven critico.

Nada tenho a dizer mais sobre este ponto a não ser que, com o meu amigo Tancredo de Mello, procurarei sempre errar com estes classicos e com aquelle grammatico.

— O critico insiste sobre a separação do *n* euphonico do pronome, o que afinal, é uma cousa sem grande importancia.

Em muitos livros de brilhantes escriptores portuguezes e nacionaes, tenho encontrado esse pequeno *senão*. Homens que sabem grammatica, mas arrastados por outra ordem de estudos e de observações, descuidam de uma ou outra regrasinha, que em nada lhes prejudica o valor do trabalho... Nada mais.

N'aquelle periodo que começa: — «Quando chegaram, porém, um espasmo nervoso etc.» devia ter um pronome antes do verbo *sentio*; mas, o leitor facilmente percebe que aquillo não passa de um lapso. A nota do meu sympathico confrade Pujol é a de um critico exigente como o diabo!

Ha ainda muita cousa que o talentoso folhetinista *não admitte* e que eu e mais o Tancredo estamos dispostos a admittir... pela mesma razão.

— As *manhãs sonoras* soaram mal ao amavel collega; peior soaram-me as sandices sonoras do sr. Tealber...

Concluindo a sua valente resposta á minha despretenciosa refutação, o meu distincto contendor fala numa carta que lhe escrevi e agradece-me as expressões de merecido elogio, que tive o prazer de dirigir-lhe. Essa carta foi resposta á que me enviou o digno collega e na qual eu encontrei demonstração verdadeira de uma alma nobre e dos mais apreciaveis sentimentos. Lendo as generosas phrases que o confrade se dignou de escrever-me, procurei retribuil-as — com o juro que a justiça me indicava.

Sinto que s. s. esteja resolvido a não responder-me mais.

A discussão calma, attenciosa, entre rapazes que se prezam, não traz inconvenientes.

Acceitando o aperto de mão que me offerece o talentoso sr. Alfredo Pujol, estendo-lhe os braços na effusão da mais cordial estima.

J. R.

Spleen

I

O seu palacio é de marmore branco e rosa. Está situado numa das grandes eminencias da cidade.

As largas janellas ogivaes rasgam para cima dum grande oceano de telhados enegrecidos pelas chaminés delgadas e famintas, e deixam ver a serenidade do Tejo, que rebrilha como um espelho do mais fino crystal, á grande luz do dia que o inunda e que o rasga. E vê-se o mar no fundo — uma fita estreita de setim azulino — confundindo-se com o horisonte — uma saphira que se volatisou ha muito...

Ferem duas horas. No quarto da condessinha o sol entra a mêdo, coado pelos *stores* de setim côr de rosa. Da cidade vem até aqui o ruido confuso dos trens que rolam eternamente sobre as calçadas asperas. E de quando em quando um pregão chorado estende-se pelo ar quieto e luminoso, como um lamento de pobre...

Na casa fluctua a luz côr de rosa dos *stores*, uma luz feérica e mysteriosa, onde perpassam gargalhadas finas de satyros em bom estado, e risos chrystalinos de deusas virginaes.

Do grande leito torneado apenas se vêem as largas cortinas de Bruxellas, caindo em dobras principescas, suaves e harmonicas, e no tapete rutilante uma chinella de setim dormita socegada, sonhando no mysterio voluptuoso dum baile.

Na rua um cornetim ladra umas velhas arias italianas. E' um rapazito gordo, esfarrapado, com quem o sol brinca nas manhãs frias de janeiro, e que todas as tardes alli passa, defronte do palacio. E' um

na,olitano vivo, com uma physionomia contente e satisfeita, que anda por esse mundo de Christo vivendo á custa do seu metal sonoro.

E' bonito vel-o impar as suas bochechas rosadas, como as dum Amor carnudo de Perrault, soprando com enthusiasmo no bocal do cornetim, e tendo mais amor á sua musica infernal, do que Rossini á melhor das suas partituras.

As criadas da condessinha gostam muito deste gaiatito alegre, que alli passa todas as tardes, ás duas horas, com os seus sapatões grosseiros, enlameados, e as pernas enlaçadas em fitas vermelhas. E a Julieta, uma de vinte annos, uma loira de perfil recortado e fino, como as *soubrettes* de Rochegrosse, paga-lhe a musica atirando-lhe com maçãs e com laranjas.

. . . .

Affastam-se as cortinas magestosas do antigo leito torneado...

Um braço nú, duma brancura lactea, suavemente acarminado, estende-se sobre a mesa de xarão, onde uma begonia expõe, dum vaso de porcellana, as suas florescencias rosadas. E sente-se o som claro e vivo duma campainha de prata, nervosamente agitada.

Uma voz occulta exclama:

— Maldito garoto! que me não deixas dormir!

E momentos depois Julieta calça uma fina meia de seda azul, num pé pequenino, nervoso... num pé que do leito desce por entre as brancuras suaves, immaculadas dos caros lençoes de Bretanha...

. . . .

No quarto mysterioso e perfumado da deliciosa condessinha, a campainha toca.

Da alvura quente e macia do travesseiro uma cabeça negra, uma cabeça de peninsular, de fartos cabellos d'azeviche, ergue-se um pouco, e uma voz argentina vibra na doçura do ambiente.

— Que horas são?

— Quatro, minha senhora.

— Tão tarde! e eu que tencionava estar na Aline, ás trez... Então o garoto não veiu hoje cornetear defronte das janellas, aquelle maldito garoto? Costuma vir ás duas horas...

— Não, minha senhora. Foi hontem pisado por um trem, o infeliz! e levaram-no em maca para o hospital. Era tão engraçado, o rapazito! Tem a cabeça quasi toda esmigalhada!...

— Cale-se Julieta! Não se lembra dos meus nervos!

. . . .

Defronte de largo espelho de Veneza, o corpo velado por uma camisa de batiste, donde surgem, triumphantes, as bellas espaduas eburneas e mornas, a galante condessinha apanha o cabello preto, que mais parece roubado a uma noite profunda e silenciosa sem o scintillar duma estrella.

Depois, despindo-se toda, vibrante como uma andorinha medrosa, a condessinha entra para a branca tina de marmore.

As flores inclinam-se dos vasos de crystal para a verem; curvam-se todas, suspensas as grandes folhagens tropicaes; a athmosphera muda, espreita e admira; os perfumes abraçam-n'a; e um canario, da sua gaiola chineza, entorna-lhe nos tumidos seios uma aria palpitante d'amor.

A agua perfumada e fria esperaa anciosa, e ao sentil-a dentro em si— aperta-a num beijo amplo e ruidoso.

E a má da condessinha, num aborrecimento feroz, que Lubin suavisa e torna divinal, pensa vagamente, saboreando a sua idéa infame:

Durante dous mezes, só hoje dormi á minha vontade... Se o garoto do cornetim... morresse! Era tão bom para mim!...

E cerrando lentamente as palpebras macias e transparentes, a sua bonita cabeça preta afundouse toda na agua, dum sensualismo frio e irritante, ficando apenas a boiarem uns laivos do cabello de azeviche, como os sete cadaveres que seguiam a barca silenciosa da condessa Paladina...

. . . .

Um esguio Mephistopheles de bronze, petulante e sensual, sorria brejeiramente, no marmore do fogão! . . .

MARIANO PINA.

Lambrequins

O sr Gonçalves manda pintar uma tela, representando o mar encapellado e um navio em perigo. O pintor fez a cousa que o sr. Gonçalves levou muito satisfeito. No dia seguinte, porém, voltou com o quadro.

— Eu queria que o sr. me pintasse aqui uns carneirinhos, porque minha mulher é do que mais gosta.

— Como! pois o senhor não vê que eu não posso pintar carneiros no mar?!

— Ora! pode, bem que pode; o senhor é que não quer. Pinte uns carneirinhos que saibam nadar.

—

CANTIGA

Tu me disseste, senhora:
« Si não fôra o teu amor,
Eu morta estaria agora:
Fez o sol viver a flor! »

Bravo! bravo! que virtude
Tem o rude affecto meu,
Que restitue a saude
A quem saude perdeu.

São bem diversas as chammas
Com que amor nos quiz queimar:
Tu para viver me amas
E eu vivo para te amar.

—

Cada homem traz comsigo um germen de loucura. A serenidade e a actividade do espirito são as unicas forças capazes de impedir o seu desenvolvimento.

—

Todo o desejo energico se realisa. Eis uma phrase audaciosa, porém que encerra uma grande consolação.

Novas e notas

Morte

HOJE telegramma da côrte, soubemos que no dia 5 do corrente falleceu n'aquella capital, victima da febre amarella, a exma. sra. d. Marianna Pimentel, virtuosa e extremecida esposa do nosso illustre conterraneo e amigo Aureliano P. Corrêa Pimentel, reitor do Internato do collegio Pedro II.

A noticia, que logo se espalhou pela cidade inteira, despertou em todos os corações são-joannenses, que conheceram de perto aquella exemplar mãi de familia, a maior consternação e o mais sincero e profundo pesar.

A fallecida tinha qualidades e sentimentos tão elevados e nobres, que chamavam sobre ella os mais verdadeiros affectos e que hoje fazem cahir sobre o seu nome as benções daquelles que a amavam.

A' desolada familia não levaremos a menor consolação.

Ha dores impossiveis de abrandar com a expressão convencional, que a sociedade impõe.

Chore esse esposo dedicado, chorem esses filhos amantes e queridos. Dêm todos expansão á dor tão cruenta e justa. E' o que lhes resta fazer, acceitando a sentença, que veio do Alto.

Nós compartilhamos a magoa que a esta hora punge o coração dos amigos da familia do nosso respeitavel conterraneo.

—

O revm. Padre Francisco Cilente pede-nos para prevenir aos amigos e parentes do sr. A. Pimentel que no dia 11, ás 8 horas da manhã, celebrará, na Matriz, uma missa de setimo dia por alma da finada, convidando tambem para esse acto caritativo seus amigos e affeiçoados.

Sobre a meza

A SEMANA, n. 57. — Sempre attrahente interessante, variada e *chic*. Accusa a recepção dos ns. 18 e 19 da nossa folha com palavras de animação, que nos inspiram grande reconhecimento.

Referindo-se a uma «longa e bonita» poesia (*sic*) do nosso collega Jorge, publicada no n. 18, nota um verso errado. O velho Horacio dizia que num trabalho longo relevava-se um pequenino defeito.

Mas os amaveis collegas não deixam passar... E' preciso andar fino.

GAZETA DO POVO, n. 87. — Este importante e conceituado diario de S. Paulo, refere-se a *O Domingo* nos seguintes termos:

«*O Domingo*.— Temos recebido, com toda a regularidade, este magnifico semanario mineiro, que já conta dezenove numeros publicados.

Bem poucos, talvez, conhecem nesta capital o periodico a que nos referimos.

Pois o que podemos affirmar é que *O Domingo*, organisado á feição d'*A Semana*, offerece leitura amena e instructiva, o que deve lisongear muito os seus redactores, entre os quaes se acha o nosso estimado collaborador Jorge Rodrigues, que tem sido incansavel em manter, em S. João d'El-Rei, onde a vida jornalistica encontra serios embaraços, uma folha que faz honra á imprensa brazileira.»

O ENSAIO, n. 1. — Periodico litterario e scientifico, do Lyceu de S. Christovam.

E' pequeno, mas interessante.

Agradecemos as visitas dos dignos collegas.

O RAMALHETE.— Revista litteraria (?). Publicação quinzenal, que acaba de apparecer em Ouro-Preto.

E' um jornalsinho de quatro paginas, com o cabeçalho cheio de vinhetas, tendo no centro um ramalhete.

Idéa nova e, realmente, de muito gosto. *O Ramalhete* é dedicado ás moças ouro-pretanas, «chamem-no embora (diz elle) *dandy* da imprensa...»

O artigo de apresentação é succulento; não resistimos ao desejo de transcrever esta melliflua tirada:

«Como um *bouquet* de odorosas flores colhidas no jardim do bom gosto e da adiantada civilisação da sociedade em que tem a dita de nascer, elle só admittirá em suas perfumosas columnas (ui!) a candura das *açucenas*, a innocencia dos *lyrios*, a modestia das *violetas*, e a delicadesa dos *melindres*; e, neste delicioso jardim onde em justa abundancia se encontram *flores d'alma que se alteam bellas*, elle só se occupará em colher as que possa offerecer ás suas leitoras em um ramalhete quinzenal do que houver de delicado e encantador.»

Aquella sucia de magançães a deitar candura e innocencia! Olhem que tal hade ser o «delicioso jardim»!...

Mais adeante o pandego que trocou a redacção, escrevendo o artigo de fundo, diz:

«Em um seculo tão palido como o actual, nossa educação não póde chamar-se completamente elegante, se falta á mulher alguma cousa de poesia nos seus modos, nas suas maneiras e nos seus conhecimentos, e se não tem a alma enriquecida de sublimes sentimentos e de idéas refinadas.»

Refinado... devia ser quem calumnia um seculo chamando-o de palido, e ainda em cima *palido* com um *l* só, e quer uma educação *elegante* e mais a mulher com alguma cousa de poesia nos modos, nas maneiras e nos conhecimentos...»

Depois do artigo inicial vêm outros escriptos, chronica, biographia, variedade, versos, etc.

Na secção *Poesia* vem uma *Teu retrato*, do autor das *Canções da Aurora* onde encontramos certa *fronte suspirosa*, que muito nos deu que pensar.

Em summa, *O Ramalhete* que se declara pomposamente, até antes do titulo, — *revista litteraria* — depõe muito contra o adiantamento da litteratura na capital da provincia.

Antes do *Retrato* vem um *acrostico* que... que só transcrevendo para o leitor vêr o que promette a nova *Revista Litteraria* :

M ilsta! si te vejo assim formosa
I magem bella de um sonhado amor,
L *embro amar-te muito*, minha flor,
O hi vem sorrir a minha vida ditosa
I e peço! *envies* a quem por ti suspira
A *lguns* (?) vibrado do pungir da lyra!...

(Emilia.)

Matta Junior.»

Os gryphos são nossos.

Agradecemos ao collega a visita e desejamos-lhe vida longa, sempre innocente e candida... folgada e milagrosa.

Correspondencia

Sr. L. de Araujo (Lafayette) Publicariamos de boa vontade as quadrinhas que nos envia, si ellas estivessem sem defeitos, Mas...

Veja lá esta :

Os olhos teus me volvendo,
Ficas tão bella a sorrir,
Que eu sinto as chammas do amor
Em meu coração refulgir.

Apague este começo de incendio, leia algumas cousa de metrificação, e estaremos promptos a ajudal-o a trabalhar, visto serem tão pouco competentes os amigos que lhe elogiam as concepções poeticas.

Sr. Bernardo Junior — Sua carta parece de um moço modesto e estudioso, qualidades que, por serem raras hoje muito apreciamos.

Quanto ao pedido, que nos faz, muito desejariamos servil-o, porém falta-nos de todo o tempo para isto necessario.

Nem o Sr. imagina a quantidade de versos e contos que somos obrigados a ler quasi diariamente

E si tentassemos corrigil-os a todos difficilmente desempenhariamos tão ardua tarefa.

Comtudo, envie-nos o que nos diz ter já escripto e... conversaremos.

Annuncios